

IMORTOS DE FAMA

William
SHAKESPEARE
E SEUS ATOS DRAMÁTICOS



Andrew Donkin

Ilustrações de Clive Goddard

Tradução de Eduardo Brandão

10ª reimpressão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2004 by Andrew Donkin
Copyright das ilustrações © 2004 by Clive Goddard

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Título original:

William Shakespeare and his dramatic acts

Preparação:

Vanessa Barbara

Revisão:

Otacílio Nunes

Isabel Jorge Cury

Arlete Sousa

Atualização ortográfica:

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Donkin, Andrew

William Shakespeare e seus atos dramáticos / Andrew
Donkin; ilustrações de Clive Goddard; tradução de Eduardo
Brandão. — São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Título original: William Shakespeare and his dramatic acts.
ISBN 978-85-359-0872-5

1. Literatura infantojuvenil I. Goddard, Clive. II. Título.

06-4497

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Composição: Américo Freiria

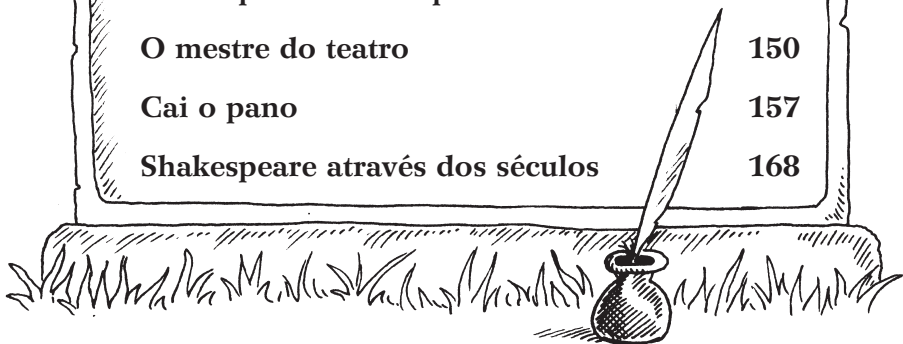
Impressão: Geográfica

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.



SUMÁRIO

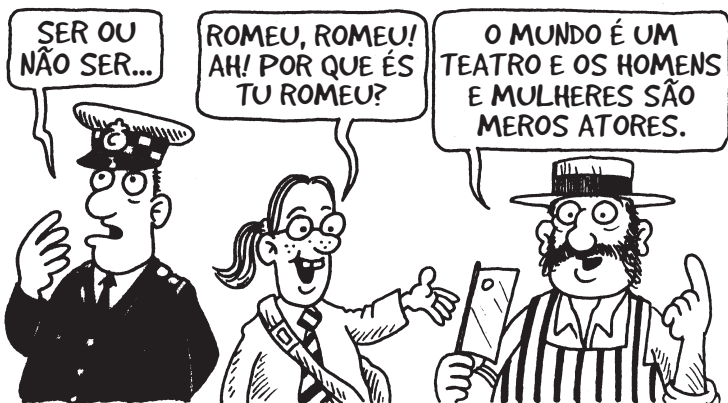
Introdução	5
Shakespeare entra em cena...	7
Shakespeare na escola	19
Shakespeare apaixonado	28
Os anos perdidos	36
A Londres de Shakespeare	42
Will pega na pena	56
Shakespeare em ação	66
Nas asas do sucesso	78
O Globo do Will	99
Shakespeare e a Coroa	116
O homem do rei	129
Shakespeare sob suspeita	141
O mestre do teatro	150
Cai o pano	157
Shakespeare através dos séculos	168





William Shakespeare morreu há quase quatrocentos anos, e hoje é mais famoso do que nunca. Ele escreveu suas peças num mundo sem avião, sem televisão, sem computador. Mas os personagens que criou e as histórias que contou têm prendido a atenção das pessoas durante todos esses séculos. Suas peças são encenadas em todo o planeta, viraram filmes de Hollywood, desenhos animados, histórias em quadrinhos, musicais e óperas. Shakespeare virou até literatura de cordel!

Todo mundo conhece alguma coisa dele...



Mas você sabia...

- que Shakespeare era um desastre em ortografia?
- que tomou chá de sumiço por sete anos?
- que pedia aos amigos que se vestissem de mulher?



- que uma vez roubou um teatro inteiro?
- e que há quem ache que ele nunca escreveu uma só peça?

Este livro vai desvendar os segredos do mais famoso escritor de todos os tempos — e provavelmente o mais misterioso também. Por isso, antes de continuar, é melhor a gente pôr os pingos em alguns is. Ao contrário do que acontece com a maioria dos mortos de fama, nem mesmo os especialistas sabem tudo sobre William Shakespeare. Apesar de um montão de estudiosos e pesquisadores fuçarem por aí há anos e anos, muita coisa sobre o Will ainda permanece envolta no mais denso mistério. Por isso não deixe de ler os boxes intitulados “Um cara enigmático”, porque a história de Shakespeare é cheia de enigmas cuja resposta ninguém sabe, e esses boxes vão fazer você saber o que é verdade e o que não é.

Por outro lado, tem um montão de coisas sobre o Will que se conhece muitíssimo bem. É só você folhear as páginas dos *Echos d’Albion* para ficar sabendo das notícias mais quentes daquele tempo. E você também vai poder dar uma xeretada no diário secreto do Will (tão secreto que nem o próprio Shakespeare sabia da existência dele).

Então tire do armário aquela sua gola de rufos e tome seu lugar na plateia, que vai subir ao palco o maior escritor de todos os tempos!



SHAKESPEARE ENTRA EM CENA...

William Shakespeare, o mais famoso e comentado de todos os escritores do mundo, nasceu no dia 23 de abril de 1564. Mais ou menos. Quer dizer, pode ter sido um dia (ou dois) antes ou depois.

?? UM CARA ENIGMÁTICO ??



Sabemos a data em que foi batizado, mas NÃO a data em que nasceu. É juntando dicas como essa e tratando de adivinhar um pouco que nós vamos completar o resto da história de Shakespeare.

Os Shakespeare, uma família moderna

O pai do Will se chamava John Shakespeare. Antes de o Will nascer, John foi aprendiz de artesão durante sete anos, para poder exercer o ofício de coureiro e luveiro. Coureiro era o artesão que trabalhava com couro e luveiro era o que fazia... adivinha o quê?!? John também trabalhou com lã, cereais e, de vez em quando, dava uma de agiota (o cara que empresta dinheiro, coisa ilegal na época).

Ser artesão lhe dava um bom status na sociedade, mas John tinha outras ideias em mente. Havia juntado grana suficiente para comprar uma casa e não demorou muito para subir na es-



cala social de Stratford. Uma das suas melhores jogadas foi se casar com Mary Arden — nada a ver com a Elizabeth Arden, dos creminhos e batons da sua mãe (ou da sua avó).

Mary era a filha predileta de um respeitável cavaleiro chamado Richard Arden. Aliás, ela era a caçula das oito filhas de Richard (imagine só a fila para o banheiro na casa dele!). A família costumava se gabar de que era possível reconstituir sua árvore genealógica até os tempos de Guilherme, o Conquistador, aquele duque normando que invadiu a Inglaterra e foi o rei do pedaço de 1066 a 1087. Mary herdou as terras e o dinheiro do pai — a melhor isca para pescar marido.

John e Mary tiveram duas filhas antes do Will, mas elas morreram ainda pequenas. Dá pra imaginar então como os Shakespeare babaram quando o moleque nasceu — e olhe que ainda não dava para saber que o filho era um gênio.

O primeiro fato comprovado sobre Will é que ele foi batizado na quarta-feira 26 de abril de 1564, na igreja da Santíssima Trindade, em Stratford-upon-Avon (o que quer dizer: Stratford à beira do rio Avon). Na época, as crianças eram batizadas quando tinham uns três dias, de modo que o Will deve ter subido ao palco do mundo (em grande estilo) no dia 23 de abril, dia de são Jorge.

Will nasceu na rua Henley, numa daquelas bonitas casinhas com vigas de madeira escura à vista.

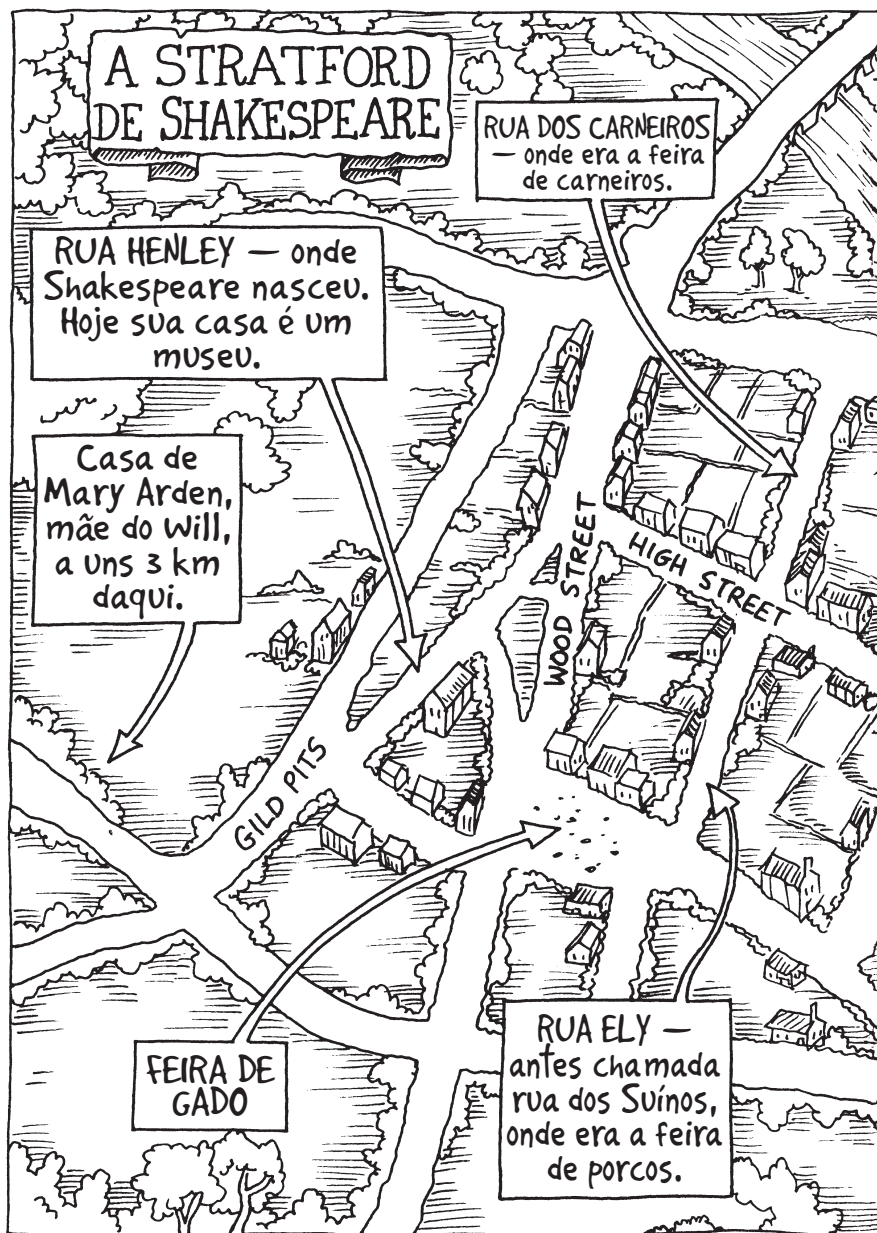


A casa tinha um vestíbulo com uma grande lareira, uma sala com outra lareira e um cômodo sem lareira (brrr!) que servia de ateliê para John fazer suas luvas e onde ele também estocava a lã que vendia. No andar de cima, havia mais três cômodos que provavelmente eram usados como quartos.

Lar, doce lar

Quando o Will nasceu, Stratford-upon-Avon era uma cidadezinha pacata, com uma feira concorrida e uma população de menos de 2 mil habitantes. Era toda rodeada pelos belos campos ingleses, mas não ficava tão longe das cidades de Oxford e de Coventry.

Nos tempos do Will, Stratford-upon-Avon era mais ou menos assim...





Muitas dessas antigas construções ainda estão de pé. Algumas, como a casa em que o Will nasceu, estão abertas à visitação pública e atraem milhões de turistas todos os anos.

Stratford tinha feiras regulares onde se vendiam animais e um pouco de tudo. Tinha também algumas lojas, entre elas uma alfaiataria, uma sapataria, uma carpintaria, uma oficina de ferreiro e mercearias. Várias estradas passavam por lá, de modo que sempre havia viajantes precisando comprar alguma coisa — como um belo par de luvas novas feitas pelo pai do Will.

Até o Will ficar famoso pelas coisas que escrevia, Stratford-upon-Avon era mais conhecida pelo seguinte:

- a maltagem — processo de torrar e moer os cereais para produzir cerveja.
- a vegetação abundante — em 1582, um desocupado com tempo de sobra resolveu contar quantos olmos havia na cidade e chegou a mais de mil!
- as feiras — as feiras não eram como as nossas: podiam durar até dezesseis dias seguidos, se as vendas fossem boas. (Na certa, eram um acontecimento muito aguardado em Stratford, onde a vida devia ser tão chata que, para se divertir, tinha gente que saía contando árvores.)



Stratford-fede

Nos tempos do Will, muita gente morria cedo. Só uma em cada três crianças chegava à idade adulta, e um homem de quarenta anos era considerado um velho caquético. Veja algumas razões disso...



Embora a cidade fosse pequena para os nossos padrões, 2 mil pessoas morando aglomeradas causavam sérios e fedorentos problemas. Para início de conversa, não existiam privadas com descarga nem papel higiênico perfumado. As pessoas faziam as suas necessidades num balde, que depois esvaziavam de qualquer jeito — muitas vezes, simplesmente jogavam seu conteúdo pela janela. Azar de quem passasse na hora!

Com 2 mil pessoas fazendo suas necessidades todo dia (para não falar dos animais à venda nas feiras), as ruas logo ficavam cheirosíssimas, como você pode imaginar. Era por isso que em torno da cidade havia uma porção de “monturos”. Um “monturo” era um monte de... bem, você pode adivinhar de quê.



Quem não levava seus montinhos de cocô para os monturos era multado. Foi o que aconteceu com um tal de John Shakespeare (ele mesmo, o pai do Will), que foi flagrado

fazendo o seu monturo ao lado da casa dele, que porca-lhão!, em vez de usar o monturo oficial no fim da rua. John nem ligou — provavelmente porque achava que a rua era mesmo uma esterqueira a céu aberto.

A peste (ou “Aaaaarrrrrg”)

O Will era bem sortudo, tanto que conseguiu completar um ano de idade. Muita sorte mesmo, porque, poucos meses depois de ele nascer, a cheirosa Stratford foi assolada pela peste bubônica. A doença se espalhou rápido e devastou a cidade, matando trezentas pessoas, quer dizer, uma em cada sete!

Quando um azarado pegava a peste, acontecia o seguinte:

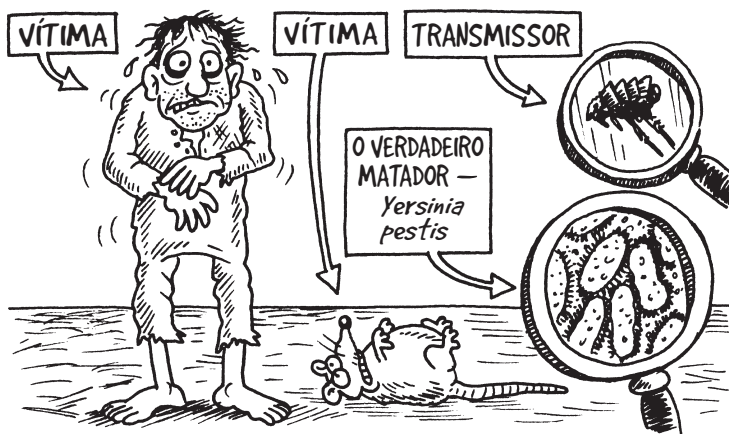


Os médicos não conseguiam fazer nada. Os doutores da época acreditavam que o corpo humano era feito de quatro elementos: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Acha-

vam que sangue demais causava doenças, de modo que um tratamento muito comum era sangrar o paciente — isso mesmo, tirar sangue do coitado. Sabe como faziam? Ou simplesmente cortavam uma veia, ou usavam sanguessugas, vermes chupadores de sangue.

Mas havia outros “tratamentos”. Por exemplo, esfregar uma galinha morta na cabeça do paciente. Outros espertalhões vendiam — caríssimo! — um naco de chifre de unicórnio em pó. Como você pode imaginar, nada disso funcionava. Aliás, unicórnio é um bicho que nem existe...

Não é de espantar que esses doutores supersticiosos não atinassem com a causa da doença, que só veio a ser descoberta muito mais tarde. O matador era uma bactéria transmitida pela mordida da pulga de rato. Essas pulgas assassinas viviam na população local de ratos-pretos (ratos, não gatos!). Quando os ratos morriam em massa, as pulgas, para não passarem fome, iam lanchar nas pessoas, infectando-as com a bactéria chamada *Yersinia pestis*.



Portanto, como não sobravam muitos ratos quando a peste começava a matar as pessoas, eles não levaram a cul-

pa. (O que foi ótimo para os ratos, mas nem tanto para os médicos, que queriam combater a epidemia.) As pulgas podiam viver nos cobertores e nas roupas da vítima muito tempo depois de ela ter virado presunto. Por isso, organizar funerais era MUITO perigoso.

A peste foi uma tragédia comum nos tempos do Will. A pulga do rato-preto nunca o pegou, mas atrapalhou um bocado a sua vida quando ele já era adulto, como você vai ver daqui a pouco.

O rei da luvinha preta

O pai do Will começou a se encher de grana. Suas luvas eram muito procuradas, principalmente nos invernos gelados, e, além disso, o bico que ele arrumou como vendedor de lã também estava lhe tricotando uma pequena fortuna.

John estava subindo na escala social de Stratford. Primeiro, foi eleito vereador, um dos catorze da cidade, e em outubro de 1568 tornou-se bailio. Se você acha que a função dele era organizar os bailinhos e as baladas de Stratford, errou! O bailio era o personagem mais importante da cidade, uma espécie de prefeito.

